



Adriana Demite Stephani  
(Organizadora)

# Educação: Uma Nova Agenda para a Emancipação 2

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
E24	<p>Educação [recurso eletrônico] : uma nova agenda para a emancipação 2 / Organizadora Adriana Demite Stephani. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Educação. Uma Nova Agenda para a Emancipação; v. 2)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-739-0 DOI 10.22533/at.ed.390192310</p> <p>1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais. 3. Educação – Inclusão social. I. Stephani, Adriana Demite. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 370.71</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

A coleção “Educação: Uma Nova Agenda para a Emancipação 2” é um mosaico de abordagens, olhares e narrativas sobre a educação brasileira. De caráter *pluri*, é composta por 2 volumes contendo 23 artigos cada, reunindo ao todo 46 textos que discutem, refletem e apresentam práticas de pesquisadores e docentes de diferentes estados e instituições, tanto brasileiras quanto internacionais.

objetivo da obra é apresentar um panorama das diversas e importantes pesquisas pelo país a partir de inúmeros aspectos da educação, desde processos históricos de constituição, desafios, enfrentamentos e ações na/para a formação docente, perpassando por reflexões sobre a educação como instrumento para a formação crítica e como processo inclusivo, como também apresentando possibilidades reais de atuações em sala de aula através dos relatos das práticas docentes.

O volume I inicia com 6 artigos que refletem o perfil docente do Século XXI diante dos novos paradigmas para a formação de professores e as reais condições do exercício docente em nosso país, refletindo sobre aspectos curriculares e enfrentamentos nessa formação. A esses primeiros textos, seguem-se outros 3 textos que trazem um olhar também sobre o perfil, o papel e a importância de gestores e coordenadores na Educação Básica. E, a Educação Básica é linha condutora dos 13 demais artigos que exploram diferentes aspectos educacionais como a inserção de temáticas pouco exploradas em sala de aula, assim como, práticas docentes envolvendo diferentes ferramentas e explorando os recursos das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), a partir de pesquisas realizadas, como também através de relatos de trabalhos com jogos e oficinas em sala de aula.

Os 5 textos iniciais do Volume II abordam aspectos históricos da educação, trazendo pesquisas, apresentando processos históricos constituintes de espaços escolares e de processos de escolarização, tanto de educação básica como superior, que narram alguns momentos, entre tantos, da história da educação brasileira. Seguem-se a esses, outros 9 capítulos que possuem como linha conectiva a formação crítica e emancipadora através do processo educativo em diferentes frentes, espaços e abordagens teóricas. Os 8 capítulos restantes refletem sobre o processo de inclusão, os enfrentamentos da educação especial, a questão da saúde dos profissionais da educação, os dilemas da relação família-escola, a necessidade de escuta na educação infantil e a importância de reflexões sobre a sexualidade juvenil.

Essa diversidade de temáticas e pesquisas apresentadas na obra demonstra os múltiplos olhares e enfrentamentos da educação do país e a necessidade de aprofundamento e reflexão constantes.

Convidados o leitor para essa reflexão!

Adriana Demite Stephani

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO DO SERVIÇO SOCIAL NO BRASIL NO CAMPO DA EDUCAÇÃO NO PERÍODO DE 1930 A 2016	
Adriana Freire Pereira Férriz Ingrid Barbosa Silva Jakeline Gonçalves Bonifácio Sena Rosane dos Santos Sampaio	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3901923101</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
A REFORMA EDUCACIONAL SOB A ÓTICA NEOLIBERAL	
Elizangela Tiago da Maia	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3901923102</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>21</b>
OS INSPETORES DA INSTRUÇÃO NA PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO	
Vinicius Teixeira Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3901923103</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>33</b>
O CONTEXTO HISTÓRICO DE EXPANSÃO DO CTISM: REFLEXÕES INICIAIS	
Talia Giacomini Tomazi Roselene Moreira Gomes Pommer	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3901923104</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>42</b>
REFLEXÕES SOBRE ESCOLARIZAÇÃO E TRABALHO NA VIDA DE MENINAS E MULHERES BRASILEIRAS A PARTIR DO CURTA-METRAGEM VIDA MARIA	
Rodrigo Ribeiro de Oliveira Dagmar Silva Pinto de Castro Sueli Soares dos Santos Batista	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3901923105</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>52</b>
A INTENCIONALIDADE DA FORMAÇÃO ESTÉTICA NA EDUCAÇÃO POR UMA EDUCAÇÃO CRÍTICA-LIBERTADORA	
Elna Pereira Nascimento Cres Nilo Agostini	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3901923106</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>61</b>
CRITICIDADE: PRESSUPOSTOS ORIUNDOS DA OBRA DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU	
Letícia Maria Passos Corrêa Neiva Afonso Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3901923107</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>75</b>
CONCEPÇÃO LIBERALISTA DE LOCKE E O DIREITO À EDUCAÇÃO	
Thiago Rodrigues Moreira Raimundo Márcio Mota de Castro Juliane Prestes Meotti	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3901923108</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>86</b>
CONFORMISMO SIMULADO: QUESTÃO DE ORDEM, DE SOBREVIVÊNCIA OU UMA SAÍDA POSSÍVEL EM TEMPOS RANÇOSOS?	
Enéas Machado Sandra Regina Trindade de Freitas Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3901923109</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>95</b>
EDUCAÇÃO EM ADORNO – POSSIBILIDADES DA EDUCAÇÃO ESCOLAR PARA EMANCIPAÇÃO	
Mariano Luiz Sousa dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.39019231010</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>107</b>
EDIFÍCIOS ESCOLARES VOLTADOS À EDUCAÇÃO EMANCIPADORA ORIENTADOS PELAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS E METODOLOGIAS ATIVAS	
Roberta Betania Ferreira Squaiella Roberto Righi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.39019231011</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>120</b>
EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA: REFLEXÕES SOBRE A RELAÇÃO DE INTERAÇÃO FORMAÇÃO-TÉCNICA	
Thiago Vieira Machado Anne Alilma Silva Souza Ferrete	
<b>DOI 10.22533/at.ed.39019231012</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>131</b>
EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA PARA A FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE: APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA COMO PROPÓSITO	
Lucila Ludmila Paula Gutierrez Paula Macarena Caballero Moyano Raphael Maciel da Silva Caballero	
<b>DOI 10.22533/at.ed.39019231013</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>139</b>
EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA: UM DIÁLOGO ENTRE O PENSAMENTO GRAMSCIANO NA FORMAÇÃO INTEGRAL COM A EDUCAÇÃO DA GRÉCIA ANTIGA	
Janiara de Lima Medeiros Ohana Gabi Marçal dos Passos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.39019231014</b>	

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>151</b>
A INCLUSÃO DE CRIANÇAS DEFICIENTES NA ESCOLA PÚBLICA: O OLHAR DOS PROFESSORES DE DOIS MUNICÍPIOS DO INTERIOR DO ESPÍRITO SANTO	
Sandra Maria Guisso Charles Moura Netto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.39019231015</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>161</b>
DEFICIÊNCIA VISUAL: DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA	
João Ricardo Melo Figueiredo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.39019231016</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>168</b>
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA VISUAL	
João Ricardo Melo Figueiredo Eliana Leite Assis Figueiredo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.39019231017</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>175</b>
EDUCAÇÃO EM SAÚDE: EFICÁCIA DE UM ENSINO DE SUPORTE BÁSICO DE VIDA PARA PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO	
Caio Winch Janeiro Carolina Rodrigues Lopes Gustavo de Souza Andrade Lívia Mariana Lima Gava Murieli Fonsati Mázzaro César Antônio Franco Marinho Gustavo Navarro Betônico	
<b>DOI 10.22533/at.ed.39019231018</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>182</b>
ESCOLA X FAMÍLIA: UM DOS DESAFIOS DO SÉCULO XXI	
Jenyfer Fernanda Almeida Andreia Aparecida Pontes Maria Elganei Maciel	
<b>DOI 10.22533/at.ed.39019231019</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>192</b>
A ESCUTA DAS CRIANÇAS COMO UM PRINCÍPIO DA AÇÃO EDUCATIVA: EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NA UEIIA/UFSM	
Ana Carla Bayer da Silva Daniela Dal Ongaro Jovaneli Lara Xavier Siqueira da Rosa Juliana Goelzer	
<b>DOI 10.22533/at.ed.39019231020</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>202</b>
CONHECIMENTO SOBRE SEXUALIDADE DE ESTUDANTES ADOLESCENTES EM MUNICÍPIO RIBEIRINHO AO NORTE DO BRASIL: O QUE FOI COMPREENDIDO E O QUE AINDA NECESSITA SER APRIMORADO?	
Liliane Gonçalves de Araújo Darlene Teixeira Ferreira Gláucia Caroline Silva de Oliveira	

Aldemir Branco de Oliveira-Filho  
DOI 10.22533/at.ed.39019231021

**CAPÍTULO 22 ..... 213**

O PARADIGMA DA “ATIVAÇÃO” DO ESTUDANTE E AS DEMANDAS POR UMA EDUCAÇÃO EM COMPASSO COM O SEU TEMPO

Bruno Gomes de Almeida

DOI 10.22533/at.ed.39019231022

**CAPÍTULO 23 ..... 225**

CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE DEFORMAÇÃO UNIFORME EM MATERIAIS SOB STRESS

Otto Leonardo Gómez Huertas

DOI 10.22533/at.ed.39019231023

**SOBRE A ORGANIZADORA..... 231**

**ÍNDICE REMISSIVO ..... 232**

## CONHECIMENTO SOBRE SEXUALIDADE DE ESTUDANTES ADOLESCENTES EM MUNICÍPIO RIBEIRINHO AO NORTE DO BRASIL: O QUE FOI COMPREENDIDO E O QUE AINDA NECESSITA SER APRIMORADO?

### **Liliane Gonçalves de Araújo**

Especialização em Educação em Ciências na Contemporaneidade, Universidade Federal do Pará, Breves PA, Brasil.

### **Darlene Teixeira Ferreira**

Faculdade de Ciências Naturais, Campus Universitário do Marajó, Universidade Federal do Pará, Breves PA, Brasil.

### **Gláucia Caroline Silva de Oliveira**

Faculdade de Ciências Naturais, Instituto de Estudos Costeiros, Universidade Federal do Pará, Bragança PA, Brasil.

### **Aldemir Branco de Oliveira-Filho**

Faculdade de Ciências Naturais, Instituto de Estudos Costeiros, Universidade Federal do Pará, Bragança PA, Brasil.

**RESUMO:** O presente estudo identificou características sociais, demográficas, de convivência interpessoal e medidas utilizadas na prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (IST) e gravidez por adolescentes de uma escola pública localizada no município paraense de Breves, norte do Brasil. Durante o tempo de aula, 136 estudantes adolescentes forneceram informações por meio do preenchimento voluntário de formulário. Esse instrumento de coleta tinha questões abertas e fechadas relacionadas às condições sociais, demográficas, convívio familiar e de temas vinculados à sexualidade, envolvendo

inclusive auto avaliação. O conhecimento sobre sexualidade foi estabelecida de acordo com o número de acertos (conceito): 6 (excelente), 5 a 4 (bom), 3 a 2 (regular) e 1 ou nenhum acerto (ruim). A comparação do conhecimento indicado (auto-avaliação) e do conhecimento evidenciado foi analisada pelo teste de qui-quadrado. A idade média dos adolescentes foi de 16,5 anos, com predominância do sexo feminino. A maioria dos adolescentes já manteve ao menos uma relação sexual na vida, sendo observada idade média de 13,4 anos da 1ª relação sexual. A maioria obteve as primeiras orientações sexuais dialogando com amigos ou colegas e informou manter relação razoavelmente aberta com os pais. A maioria dos pubescentes apresentou um nível ruim de conhecimento referente à sexualidade. As dúvidas prevalentes dos escolares estavam relacionadas ao tema mudanças nos corpos de garotas e garotos e período fértil. Este estudo identificou percepções sobre temas relacionados à sexualidade entre estudantes adolescentes no município de Breves e evidenciou a necessidade de atividades que visam elucidar e sensibilizar os adolescentes quanto à temática sexualidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Adolescentes, Sexualidade, Conhecimento, Brasil.

## KNOWLEDGE ABOUT SEXUALITY OF ADOLESCENT STUDENTS IN THE RIVERSIDE MUNICIPALITY OF NORTHERN BRAZIL: WHAT WAS UNDERSTOOD AND WHAT STILL NEEDS TO BE IMPROVED?

**ABSTRACT:** The present study identified social, demographic, interpersonal coexistence characteristics and measures used in the prevention of sexually transmitted infections (STIs) and pregnancy by teens of a public school located in the municipality of Breves, northern Brazil. During the class time, 136 teens students provided information by voluntarily completing the form. This collection instrument had open and closed questions related to social, demographic conditions, family life and issues related to sexuality, including self-evaluation. The knowledge about sexuality was established according to the number of hits (concept): 6 (excellent), 5 to 4 (good), 3 to 2 (regular) and 1 or no hit (bad). The comparison of the indicated knowledge (self-assessment) and the knowledge evidenced was analyzed by the chi-square test. The mean age of adolescents was 16.5 years, with a predominance of females. The majority of adolescents have had at least one sexual relation in their lives, with a mean age of 13.4 years being observed for the first sexual intercourse. Most were given their first sexual orientation by talking to friends or colleagues and reported maintaining a reasonably open relationship with their parents. The majority of the pubescent ones presented a bad level of knowledge regarding the sexuality. The prevailing school of questions was related to the theme changes in the bodies of girls and boys and fertile. This study identified the knowledge about subjects related to sexuality among teens students in the municipality of Breves and evidenced the need for activities that aim to elucidate and sensitize the teens regarding the thematic sexuality.

**KEYWORDS:** Teens, Sexuality, Knowledge, Brazil.

### 1 | INTRODUÇÃO

A adolescência é uma fase do desenvolvimento humano marcada por conflitos em relação à sexualidade. Ocorrem transformações anatômicas, fisiológicas, psicológicas e sociais que levam o adolescente a estranhar seu próprio corpo e, conseqüentemente, a buscar pela sua identidade (POERSCH et al., 2015). Estas transformações físicas, emocionais e sociais provocam mudanças importantes nas relações do adolescente com sua família, amigos e companheiros e ainda na maneira como este se percebe (ALMEIDA et al., 2011). Tais mudanças afetam os padrões de comportamento deles, tornando-os mais suscetíveis a agravos que acometem sua saúde, dentre esses se destacam aqueles relacionados à sexualidade (SANTOS, 2017). As transformações dessa fase da vida fazem com que o adolescente viva intensamente características de sua sexualidade, manifestando-a muitas vezes através de práticas sexuais desprotegidas, podendo se tornar um problema devido à falta de informação, de comunicação entre os familiares e “tabus” (CAMARGO & FERREIRA, 2009).

A sexualidade é parte integrante da vida do homem, pois está presente desde o seu nascimento até a morte e também nas relações e ações entre as pessoas, ou consigo mesmo, enquanto seres sexuados (SPITZNER, 2005). O termo sexualidade expressa algo bem amplo, que envolve fatores sociais e emocionais. A mesma se estabelece por meio das relações com o ambiente e com o outro, transformando-se em algo particular e único em cada indivíduo. A sexualidade faz parte da identidade humana, desenvolvendo - se no decorrer da vida e sendo entendida como um fator que motiva a diferentes formas de busca e vivência do prazer (QUEIROZ & ALMEIDA, 2017).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a sexualidade é definida como algo indispensável ao homem e à mulher, assim como à vida e à saúde. Ela se expressa de forma natural no ser humano sendo marcada pela cultura, história, crença religiosa e ciência, além dos sentimentos que singulariza cada indivíduo (KEMTOFT et al., 2016). Nessa perspectiva, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) propõem o ensino sobre sexualidade nas escolas. A educação sexual deve ser inserida como tema transversal, ou seja, um assunto ministrado no interior das várias áreas de conhecimento.

A sexualidade humana é cada vez mais reconhecida como um aspecto importante da saúde e qualidade de vida das pessoas, estando associada com benefícios à saúde e longevidade (BRILHANTE & CATRIB, 2011). Pesquisas que pretendam contemplar o tema da sexualidade na adolescência em suas dimensões e contribuir com a proposição de políticas, pautam-se no entendimento da construção das identidades dessa fase. Este período oscila entre a insegurança, autonomia, transgressão e potencialidades de aceitação (LOURINHO et al., 2017). A adolescência está vinculada ao início da atividade sexual, contudo, nem sempre vem acompanhada de conhecimento preparatório voltado à educação sexual, sendo observada nos últimos anos, uma antecipação da atividade sexual, ou seja, esse evento está ocorrendo cada vez mais cedo entre os adolescentes (CASTRO et al., 2017).

Essa complexidade justifica a realização de estudos qualitativos e quantitativos para se compreender os adolescentes, além de investimento em novas pesquisas e políticas para essa parcela da população. No estado do Pará, pesquisas que abordam o conhecimento de adolescentes sobre sexualidade ainda são escassas. Nesse contexto, o presente estudo identificou características sociais, demográficas e de relacionamento interpessoal entre adolescentes que frequentam uma escola pública do município paraense de Breves, norte do Brasil. A partir daí, tornou-se possível também estabelecer o nível de conhecimento dos adolescentes sobre temáticas relacionadas à sexualidade que podem ser aperfeiçoadas no ambiente escolar.

## 2 | MÉTODOS

A Organização Mundial da Saúde (OMS) identifica a adolescência como o período de crescimento e desenvolvimento humano que ocorre depois da infância e

antes da idade adulta, entre as idades de 10 aos 19 anos. No Brasil, esse intervalo etário também é utilizado pelo Ministério da Saúde para planejar e executar ações de educação, aconselhamento e assistência aos jovens. Desse modo, este estudo utilizou o intervalo etário descrito e obteve informações de estudantes adolescentes do ensino médio de uma escola pública localizada na área urbana do município paraense de Breves, Arquipélago do Marajó, norte do Brasil (Figura 1).

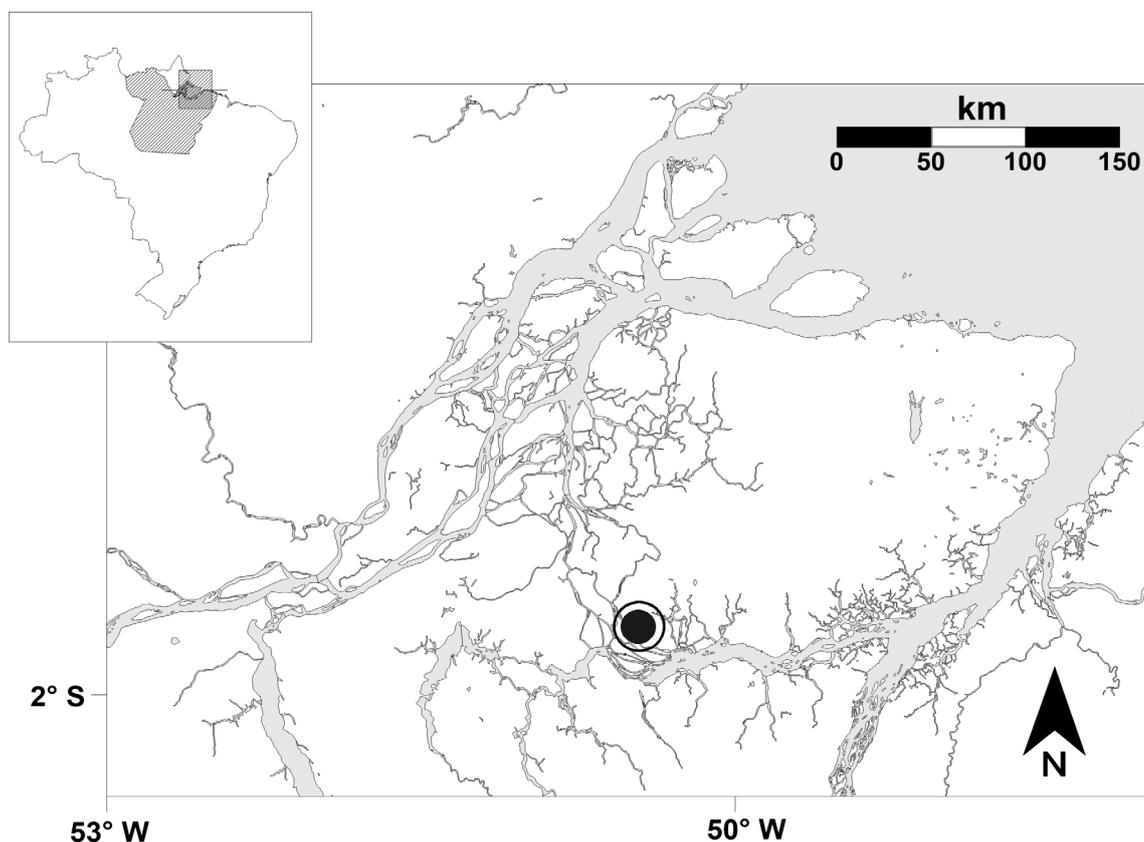


Figura 1: Localização geográfica do município de Breves, Pará, Brasil.

As informações foram coletadas durante o tempo de aula por meio de breve intervenção para explicar os objetivos da pesquisa e convidar os estudantes a participarem do estudo através do preenchimento de formulário (sem identificação do participante; com a presença equidistante do (a) professor (a)) (ALCANTARA et al., 2017). Esse instrumento continha questões sobre aspectos sócios demográficos, relação familiar, conhecimento e práticas adotadas e de avaliação do conhecimento de temas relacionados à sexualidade. O adolescente classificou o seu nível de conhecimento sobre sexualidade (auto-avaliação) e, a partir daí, respondeu oito questões relacionadas à sexualidade. Após o preenchimento do questionário, os adolescentes depositavam em uma urna para garantir o sigilo das informações.

Basicamente, cada questão solicitava ao adolescente que identificasse ou indicasse, de acordo com o seu entendimento, uma resposta adequada sobre mudanças ocasionadas pela puberdade em meninos e meninas, período fértil,

sensibilidade sexual, métodos de prevenção à gravidez e métodos de prevenção às infecções sexualmente transmissíveis (IST). O conhecimento sobre sexualidade foi classificado em conceitos, de acordo com o número de acertos: 6 (excelente), 5 a 4 (bom), 3 a 2 (regular) e 1 ou nenhum acerto (ruim). A diferença entre o conhecimento informado (auto-avaliação) e o conhecimento demonstrado (número de acertos – conceito) foi avaliada pelo teste de qui-quadrado com nível de significância de 0,05. A análise estatística foi realizada no programa BioEstat 5.0. A coleta de informações foi realizada no período de 15 a 19 de março de 2018.

Em suma, este estudo está de acordo com as diretrizes e normas descritas do Conselho Nacional de Saúde (Ministério da Saúde, Brasil), sendo aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa em Seres Humanos do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará.

### 3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, este estudo abordou 160 estudantes de uma escola pública de ensino médio no município paraense de Breves, norte do Brasil. No entanto, 24 estudantes apresentaram idade superior a 19 anos, por consequência, não poderiam ser classificados como adolescentes e suas informações foram excluídas. Assim, a amostra populacional foi constituída com informações fornecidas por 136 estudantes adolescentes. Os estudantes apresentavam uma idade média de 16,5 anos com abrangência de 14 a 19 anos. A maioria deles estudava no turno da tarde (43,38%) e pertencia ao sexo feminino (60,29%).

Em relação à satisfação corporal, a maioria dos adolescentes (63,97%) gostava do corpo que tinha. Essa informação é um fator positivo observado neste estudo, pois a adolescência é também marcada por transformações corporais decorrentes da puberdade. Em 2017, um estudo indicou que mais de 60% dos adolescentes estavam insatisfeitos com a imagem do corpo que apresentavam (DANTAS et al. 2017). A construção da imagem corporal inicia-se desde o nascimento, sendo trabalhada através das experiências individuais e suas relações sociais até o fim da vida, porém é na adolescência que ela estrutura-se, pois nesse período, o corpo dos jovens está em constantes modificações (TONI et al. 2012).

Além disso, uma parte considerada dos adolescentes (39,70%) neste estudo destacou que tem um relacionamento razoavelmente aberto com seus pais ou responsáveis e outra fração significativa (36,2%) afirmou ter um relacionamento fechado com os pais ou responsáveis. Essa falta de diálogo em alguns núcleos familiares é preocupante e pode resultar em dificuldades durante o desenvolvimento dos adolescentes. Essa condição pode implicar em redução da interação entre pais e filhos, perda de confiança e elevação da insegurança quanto à abordagem de temáticas importantes para o desenvolvimento saudável, como a sexualidade, o que pode interferir futuramente, a exemplo das infecções sexualmente transmissíveis (IST)

ou uma gravidez indesejável. O relacionamento familiar proporciona a sustentação da afetividade e também influência na educação de seus membros, pois é nela que são aprendidos os valores éticos e humanitários necessário para viver em sociedade (ALMEIDA & CENTA, 2009).

Neste estudo, uma parte dos adolescentes (38,23%) relatou ter dialogado com amigos ou colegas sobre as primeiras dúvidas relacionadas à sexualidade, outra porção de adolescentes (28,67%) obteve essas informações por meio de pais e familiares, e alguns adolescentes (28,67%) solucionaram tais dúvidas na escola por meio de aulas e livros. Poucos adolescentes (4,41%) não quiseram responder sobre esse assunto. O fato de muitos adolescentes não terem procurado os pais ou familiares para conversar, discutir e solucionar as primeiras dúvidas relacionadas à sexualidade reafirma a falta de diálogo no ambiente familiar sobre a sexualidade e temáticas relacionadas. Em decorrência dessa dificuldade, os adolescentes obtiveram essas informações com outros adolescentes, possivelmente ainda sem maturidade, contribuindo dessa forma para comportamentos inadequados ou inseguros acerca da sexualidade. Em 2013, um estudo relatou que a ausência de diálogo entre pais e filhos sobre sexualidade acaba impulsionando os adolescentes a buscarem outras fontes de informações, as quais podem ser inseguras e inadequadas, dentre tais se destacava os amigos que também eram adolescentes (SAVENAGO & ARPINI, 2013).

Por outro lado, neste estudo os adolescentes têm como atuais fontes de informação sobre sexualidade: amigos (11,76%), pais ou familiares (33,08%), instituições e profissionais de saúde (11,02%), escola (28,67%), e TV/internet/revistas (15,44%). Nesse contexto, os pais ou familiares e a escola apresentam imenso destaque. Possivelmente, o ganho de maturidade dos adolescentes associado com o desejo dos pais em ofertar bem estar aos filhos possa ser responsabilizado por essa mudança comportamental no ambiente familiar. Cenário semelhante foi observado no município paranaense de Maringá, no qual cerca de 55% dos adolescentes obtêm informações sobre sexualidade na escola e 45% com pais e familiares (LABEGALINI et al., 2013).

O grupo familiar exerce um papel fundamental na formação de crianças e jovens, sendo importante na determinação e organização da personalidade, além de influenciar significativamente no comportamento individual por meio das ações e medidas educativas tomadas (FONSECA et al., 2010). A escola possui a responsabilidade de promover educação integral de crianças e adolescentes, entre tal é incluída a educação sexual. Nessa perspectiva, é necessário que a escola reassuma o papel no sentido de provocar questionamentos e desmistificar visões distorcidas acerca da sexualidade, inclusive as propagadas no contexto familiar e de pequenas ou longínquas comunidades (MOIZÉS & BUENO, 2010), no qual o município paraense de Breves pode ser enquadrado geograficamente.

Quanto à orientação sexual dos adolescentes neste estudo, a maioria

deles declararam ser heterossexual (87,50%), alguns também declararam ser homossexuais (5,14%) e bissexuais (0,73%), e outros adolescentes não informaram sua orientação sexual (6,61%). Numa pesquisa em 2013 realizada com estudantes do primeiro ano do ensino médio no município de Cuiabá (Mato Grosso), resultados semelhantes foram encontrados: 71,7% eram heterossexuais, 3,5% homossexuais, 3,5% bissexuais e 21,2% deixou a resposta em branco (LIMA et al., 2013).

A presença da homossexualidade e da bissexualidade nos faz refletir acerca da discriminação e rejeição existentes na sociedade, o que pode ocasionar dificuldades para assumi-las. A ciência ainda não conhece totalmente o processo de orientação sexual, embora muitos estudos já tenham sido realizados o que permanece no campo das hipóteses. Por ser uma fase de afirmação de identidade e manifestação sexual intensa, na adolescência, muitas dúvidas e incertezas surgem quanto à orientação sexual. Geralmente, a homossexualidade é assumida na vida adulta quando os adolescentes se sentem independentes e mais seguros quanto à orientação sexual. Quando se faz o recorte da orientação sexual é observado que há uma desconstrução das concepções relacionadas ao tema, porém ainda, ambos os sexos, consideram o homossexualismo como algo errado, uma doença psicológica ou culpa dos pais, demonstrando de forma implícita julgamentos preconceituosos, como por exemplo, a exclusão destes indivíduos (AMARAL et al., 2017).

Além disso, 57,35% dos adolescentes neste estudo relataram que já tiveram, pelo menos, uma relação sexual na vida. A idade média da primeira relação sexual foi de 13,4 anos. Dados similares foram encontrados em 2014 na pesquisa com adolescentes do município amazonense de Manaus, no qual foi evidenciado que 53,6% dos adolescentes escolares com idade de 12 a 19 anos, já iniciaram a vida sexual (OLIVEIRA et al., 2014). Por outro lado, um estudo realizado em 2015, no município paraense de Abaetetuba, apontou que a média de idade na primeira relação foi de 15,23 anos (SILVA et al., 2015). De acordo com dados presentes nas Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à saúde de adolescentes e Jovens na Promoção, Proteção e Recuperação da Saúde, as meninas brasileiras iniciam a atividade sexual entre os 12 anos e os 16 anos e os meninos entre os 15 e os 17 anos de idade, não havendo diferenças regionais, sociais ou de cor (BRASIL, 2010).

Somado a isso, a frequência de relações sexuais dos adolescentes neste estudo foi: ainda não teve nenhuma (41,92%), poucas vezes/raramente (30,15%), pelo menos uma relação/mês (19,11%), e pelo menos uma relação sexual/semana (8,82%). Tais achados são fatores positivos neste estudo, isso pode significar que os adolescentes estão recebendo orientações acerca da vida sexual e estão sendo cautelosos. Em um estudo realizado no interior do Rio Grande do Sul, a maioria das mães entrevistadas demonstrou estar consciente de que o exercício da sexualidade é uma realidade inegável na vida de seus filhos adolescentes. Desse modo, elas procuram orientá-los desde cedo com relação aos cuidados (SAVEGNAGO & ARPINI, 2016).

Homens e mulheres têm iniciado sua vida sexual, em grande parte na adolescência e de formas um tanto diferenciadas. As práticas sexuais na juventude têm sido descritas como dinâmicas e em constantes transformações, sendo que seus perfis podem acarretar impacto importante na vida reprodutiva dos jovens (Borges & Schor, 2005). Nessa perspectiva, a antecipação das atividades sexuais com frequência na adolescência é um fator de risco, pois muitos destes não possuem informações adequadas e podem ter relações sexuais desprotegidas. Sendo este um fator de risco para o aumento de IST e gravidez precoce.

Referente ao nível de conhecimento dos adolescentes sobre temas relacionados à sexualidade, a tabela 1 indica que muitos adolescentes (55,88%) informaram que possuíam níveis de conhecimento sobre sexualidade “muito bom” ou “bom”. No entanto, após responderem questões sobre temas relacionados à sexualidade, a maioria deles (77,2%) demonstrou que possuía níveis de conhecimento “regular” ou “ruim”. Sendo que, essa diferença é estatisticamente significativa ( $\chi^2 = 36,4$  valor- $p < 0,01$ ). Possivelmente, isso se deve ao fato de que muitos adolescentes acreditam possuir um nível relevante de conhecimento sobre sexualidade, porém isso não é real, alertando para a necessidade de medidas de conscientização sobre a temática e indicando a necessidade de cuidados com intuito de evitar ou reduzir problemas na vida sexual deles.

Conceitos	Conhecimento indicado*	Conhecimento evidenciado
Excelente	27	1
Bom	49	27
Regular	22	83
Ruim	35	22
Não responderam	3	3

Tabela 1: Conceitos e nível de conhecimento relacionado à sexualidade de 136 adolescentes de uma escola urbana do município de Breves, Pará.

\*Conhecimento indicado = Auto-avaliação

Somado a isso, o presente estudo identificou que os adolescentes apresentam reduzido conhecimento relacionado à puberdade feminina, puberdade masculina e período fértil (Figura 2). Em relação à mudança nos corpos de garotas e garotos, os adolescentes não souberam indicar corretamente as características secundárias que correspondiam a cada sexo.

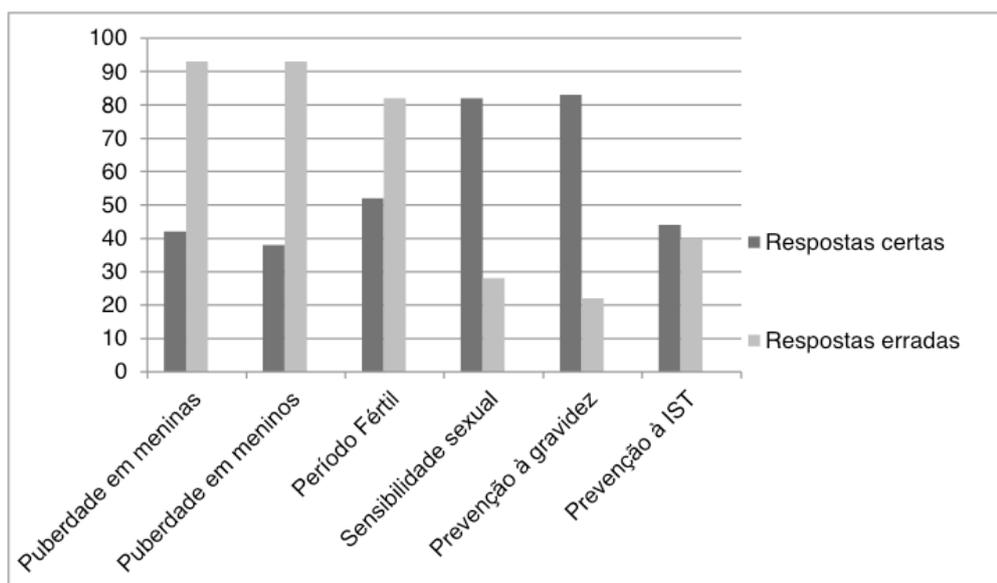


Figura 2: Identificação do conhecimento de estudantes adolescentes relacionados à temas específicos da sexualidade.

Neste estudo, os adolescentes também não conseguiram identificar corretamente em qual período a mulher ou a garota pode engravidar. A maioria dos adolescentes demonstrou um conhecimento superficial sobre o tema: 37,5% afirmou que seria no fim da menstruação, 14,70% apontou que seria no começo da menstruação e 2,20% não responderam a questão. Esse fato pode evidenciar uma forte ligação com o risco de uma gravidez não planejada. Nesse contexto, se os adolescentes tiverem vida sexual ativa poderão ter dificuldades para realizar o planejamento familiar, pois não sabem o período obrigatório de uso do preservativo. Estudos indicaram que 51% dos meninos e 27,8% das meninas não sabem qual o período do mês que a garota pode engravidar (CAMARGO & FERRARI, 2009).

Atividades educativas, como rodas de conversas e oficinas temáticas, são fundamentais para realizar diálogos sobre sexualidade na escola, além de proporcionar um espaço de construção coletiva e possibilitar ao adolescente oportunidade de discutir a própria sexualidade, desenvolver e rever atitudes. Essas atividades podem ser utilizadas para promoção da saúde sexual e reprodutiva, discutir possíveis dúvidas existentes e reforçar a necessidade de cuidados e de planejamento familiar adequado (ALMEIDA et al., 2011, SANTOS, 2017; SPITZNER, 2005). Em 2017, um estudo identificou que após a realização de oficinas fundamentadas na metodologia participativa, com objetivo de promover reflexão crítica e autocuidado em uma escola de Porto Alegre (Rio Grande do Sul), a maioria dos adolescentes relatou ter saído mais informada e esclarecida sobre mitos e tabus acerca da temática sexualidade (EW et al. 2017).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo acessou características importantes de adolescentes escolares de uma escola pública no município ribeirinho ao norte do Brasil. Um breve perfil sócio demográfico, de relacionamento interpessoal e de práticas adotadas para a prevenção de IST e de gravidez na adolescência foi identificado, o qual destacou um conhecimento ruim sobre temas relacionados à sexualidade pela maioria dos estudantes adolescentes. Portanto, os resultados deste estudo alertam para a necessidade de esclarecer que os adolescentes ainda possuem um nível limitado de conhecimento sobre sexualidade. Além disso, este estudo destacou a necessidade de discutir e conscientizar os adolescentes sobre cuidados a serem tomados durante a vida sexual. Abordar temas relacionados à sexualidade na escola possibilitará ampliar o conhecimento dos adolescentes a respeito da sexualidade e das vulnerabilidades dessa fase da vida, bem como sensibilizar os adolescentes quanto às implicações da gravidez na adolescência e IST, minimizando consequências negativas e instigando os adolescentes a exercerem sua sexualidade de forma saudável.

## REFERÊNCIAS

- ALCANTARA, RM.; SILVA-OLIVEIRA, GC.; OLIVEIRA-FILHO, AB. **Aspectos epidemiológicos do uso de drogas ilícitas por estudantes adolescentes no município de Capanema, Pará.** *Adolesc Saude.* 2017; 14 (2): 47-57.
- ALMEIDA, ACCH.; CENTA, ML. **A família e a educação sexual dos filhos: implicações para a enfermagem.** *Acta Paul Enferm.* 2009; 22 (1): 7-16.
- ALMEIDA, JRSA.; OLIVEIRA, NCO.; MOURAS, ERF.; SABÓIA, VPA.; MOTAS, MV.; PINHO, LGM. **Oficinas de promoção de saúde com adolescentes: relato de experiência.** *Rev Rene.* 2011; 12 (n. esp.): 1052-1058.
- AMARAL, MAS.; SANTOS, D.; PAES, HCS.; SANTOS, DSS. **Adolescência, gênero e sexualidade: uma revisão integrativa.** *Rev Enferm Contemp.* 2017; 6(1): 62-67.
- BORGES, ALV.; SCHOR, N. **Início da vida sexual na adolescência e relações de gênero: um estudo transversal em São Paulo, Brasil, 2002.** *Cad Saúde Pública.* 2005; 21(2): 499-507.
- BRASIL (2010). MINISTÉRIO DA SAÚDE. SECRETARIA DE ATENÇÃO EM SAÚDE. DEPARTAMENTO DE AÇÕES PROGRAMÁTICAS ESTRATÉGICAS. **Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde.** Brasília: Ministério da Saúde, 2010.
- BRILHANTE, AVM.; CATRIB, AMF. **Sexualidade na adolescência.** *Feminina.* 2011; 10(39): 504-509.
- CAMARGO, EA.; FERRARI, RAP. **Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção.** *Ciênc Saúde Colet.* 2009; 14(3): 937-946
- CASTRO, JFL.; ARAÚJO, RC.; PITANGUI, ACR. **Comportamento e práticas sexuais de adolescentes escolares da cidade do Recife, Brasil.** *J Hum Growth Dev.* 2017; 27(2): 219-227.
- DANTAS, RPNC.; SIMÕES, TBS.; SANTOS, PGMD.; CABRAL, BGAT. **Satisfação da imagem**

- corporal em adolescentes com diferentes estágios de maturação.** J Hum Growth Dev. 2017; 27(3): 300-306.
- EW, RAS.; CONZ, J.; FARIAS, ADGO.; SOMBRIO, PBM.; ROCHA, KB. **Diálogos sobre sexualidade na escola: uma intervenção possível.** Psicol Pesquisa. 2017; 11(2): 51-60.
- FONSECA, AD.; GOMES, VLO.; TEIXEIRA, KC. **Percepção de adolescentes sobre uma ação educativa em Orientação sexual realizada por acadêmicos (as) de Enfermagem.** Esc. Anna Nery. 2010; 14 (2): 330-337.
- KEMTOFT, MR.; LACERDA, JFE.; FONSECA, NH.; NASCIMENTO, EP.; LEMOS, ICS.; FERNANDES, GP.; MENEZES, IRA. **Sexualidade na adolescência: uma revisão crítica na literatura.** Adolesc Saude. 2016. 2(13): 106-113.
- LABEGALINI, CMG.; OLIVEIRA, RG.; BALDISSERA, VDA. **A percepção e a vida sexual de adolescentes: um estudo em uma escola pública no município.** In VIII EPCC – Encontro Internacional de Produção Científica Cesumar: 2013 Out 22-25.
- LIMA, FCA.; JESUS, FB.; MARTINS, CBG.; SOUZA, SPS.; MATOS, KF. **A experiência e atitudes de adolescentes frente à sexualidade.** Mundo Saúde. 2013; 37(4): 385-393.
- LOURINHO, LA.; BRILHANTE, AVM.; SILVA, RM.; JORGE, MSB.; CATRIB, AMF. **Educação sexual em discurso: percepções de professor e alunos.** Rev Frag Cultura. 2017; 2(27): 225:233.
- MOIZÉS, JS.; BUENO, SM. **Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental.** Rev Esc Enferm. 2010; 44(1): 2005-12.
- OLIVEIRA, NP.; BÉRIA, JU.; SCHERMANN, LB. **Sexualidade na adolescência: um estudo com escolares da cidade de Manaus/AM.** Aletheia. 2014; 44(43): 129-146.
- POERSCH, KM.; KLIEMANN, BCK.; LIMA, BGT. **Reflexões sobre trabalho com sexualidade no ensino fundamental: desafios e possibilidades.** Ens Saúde Ambiente. 2015; 2(8):37-49.
- QUEIROZ, VR.; ALMEIDA, JM. **Sexualidade na adolescência: potencialidades e dificuldades dos professores de ensino médio de uma escola estadual de Sorocaba.** Rev Fac Ciênc Méd. 2017; 19(4): 209-14.
- SANTOS, CL. **Sexualidade e saúde na adolescência: relato de experiência.** Academus Rev Cient Saúde. 2017; 1(2).
- SAVENAGO, SDO.; ARPINI DM. **Conversando sobre sexualidade na família: olhares de meninas de grupos populares.** Cad Pesquisa. 2013; 43(150): 924-947.
- SAVEGNAGO, SDO.; ARPINI, DM. **A Abordagem do Tema Sexualidade no Contexto Familiar: o Ponto de Vista de Mães de Adolescentes, psicologia: ciência e profissão.** Psicol Cienc Prof. 2016; 36 (1): 130-44.
- SILVA, ASN.; SILVA, BLCN.; JÚNIOR, AFS.; SILVA MCF.; GUERREIRO, JF.; SOUSA, ASCA. **Início da vida sexual em adolescentes escolares: um estudo transversal sobre comportamento sexual de risco em Abaetetuba, Estado do Pará, Brasil.** Rev Pan-Amaz Saude. 2015; 6(1): 27-34.
- SPITZNER, RHL. **Sexualidade e adolescência: reflexões acerca da educação sexual na escola.** Maringá, 2005.
- TONI, V.; GAVINESKI, IC.; MIGON, P.; FINATO, S.; RECH, RR.; HALPERN, R. **Insatisfação com a Imagem Corporal em Adolescentes de Escolas Públicas de Caxias do Sul - RS.** Rev Bras Saúde. 2012; 16(2): 187-194.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**ADRIANA DEMITE STEPHANI** - Possui Licenciatura em Letras e Pedagogia. Especialista em Língua Portuguesa: Métodos e Técnicas de Produção de Textos. Mestrado e Doutorado em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB). Atualmente é docente (Adjunto III) do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins, em Arraias, e do Programa de Pós-graduação em Letras da UFT/Porto Nacional. Tem experiência na área de Letras e Pedagogia com ênfase em Ensino de Língua e Literatura e outras Artes, atuando principalmente nos seguintes temas: Formação de professores, Letramentos, Arte e ensino, Arte Literária, Literatura e ensino, Literatura e recepção, Literatura e outras Artes, Leitura e formação, Leitura e Escrita Acadêmica e Literatura infanto-juvenil. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Literatura, Ensino e Recepção (LER), em parceria com docentes da UEG e UnB. Avaliadora do Inep/MEC de cursos de Letras e Pedagogia.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Aprendizagem 10, 26, 30, 58, 59, 91, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 116, 117, 118, 119, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 142, 153, 154, 156, 157, 159, 160, 161, 167, 171, 173, 174, 182, 183, 184, 185, 186, 189, 190, 195, 199, 213, 214, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225  
Aprendizagem ativa 111, 213, 214, 220, 221, 223  
Arquitetura escolar 107, 109, 119

### B

BNCC 139, 140

### C

Campo 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 29, 31, 35, 40, 43, 44, 48, 50, 70, 86, 88, 89, 90, 93, 97, 121, 132, 134, 141, 163, 167, 169, 171, 174, 183, 184, 187, 208, 213  
Conformismo simulado 86, 92  
Consciência verdadeira 95, 96, 97, 100, 102, 105, 106  
Críticidade 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73  
Curta-metragem Vida Maria 42

### D

Deeper learning 213, 214, 220, 221, 222, 223  
Deficiência 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174  
Deficiência visual 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174

### E

Educação em saúde 134, 137, 175, 176  
Educação escolar 52, 74, 95, 96, 103, 104, 105, 139, 140, 141, 144, 145, 146, 152, 189  
Educação especial 4, 7, 152, 160, 161, 165, 168, 173, 194, 195  
Educação infantil 4, 7, 20, 96, 103, 115, 116, 165, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 192, 193, 194, 195, 196, 198, 199, 200  
Educação profissional 4, 7, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41  
Emancipação 3, 50, 53, 54, 62, 66, 68, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 103, 104, 105, 106, 107, 111, 120, 125, 128, 130, 134, 144, 149  
Ensino de filosofia 61, 62, 68, 70, 71, 73, 74  
Ensino híbrido 107  
Esclarecimento 55, 59, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 106, 120, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130  
Escolarização 5, 10, 18, 23, 42, 44, 47  
Escuta 134, 164, 192, 193, 194, 196, 197, 198, 199, 200

Estado 3, 4, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 23, 24, 25, 28, 29, 30, 34, 37, 43, 44, 56, 61, 63, 66, 67, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 84, 93, 103, 105, 122, 124, 141, 145, 162, 194, 204, 212, 215, 217, 221

## F

Família 4, 45, 79, 96, 100, 101, 102, 103, 104, 125, 143, 151, 154, 157, 158, 159, 160, 165, 168, 169, 170, 173, 174, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 200, 203, 211, 212, 217

Formação cultural 95, 96, 98, 99, 102, 104, 105, 106, 120, 125, 126, 129

Formação estética 52, 54, 55

Formação humana 37, 39, 58, 61, 62, 65, 66, 72, 74, 105, 121, 139, 141, 143, 145, 146, 149

## G

Gênero 6, 23, 29, 30, 31, 42, 44, 46, 47, 48, 50, 51, 65, 82, 211

## H

Homem integral 52, 57

## I

Inclusão 3, 54, 59, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 173

Inspeção eficaz 21, 23, 25, 26, 30

Inspetores da instrução 21, 27, 28, 30

Instrução popular 21, 24

Inteligências múltiplas 107, 109, 110, 111, 113, 117, 119

Interdisciplinaridade 139, 141, 146, 147, 148, 149, 150

## J

Jean-Jacques Rousseau 61, 62, 63, 65, 68, 74

## L

Liberalismo 15, 16, 75, 76, 77, 79, 84

Locke 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 122, 124, 130

## M

Metodologias ativas 107, 109, 110, 111, 112, 117, 119, 137, 220, 221

## N

Neoliberalismo 13, 15, 16, 60

## P

Paideia 123, 130, 139, 140, 147, 148, 149, 150

Participação 15, 18, 86, 100, 115, 134, 136, 147, 151, 157, 159, 174, 182, 183, 184, 187, 188, 189, 190, 211

Política de educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12

Políticas neoliberais 33

Precarização 35, 40, 86, 87, 88, 89, 91

Primeiros socorros 175, 176, 177, 178, 180

Produção do conhecimento 1, 2, 5, 10, 11

Professores 19, 27, 29, 31, 38, 73, 92, 93, 94, 103, 104, 112, 113, 114, 115, 118, 134, 136, 151, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 167, 174, 175, 177, 184, 185, 186, 187, 188, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 212, 220, 231

Profissionais da saúde 131, 133

Profissionalização 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94

## R

Redesenho do espaço escolar 107

Reforma 13, 17, 20, 41, 66, 88, 112, 113

## S

Serviço social 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12

Sociedade da aprendizagem 213, 214, 216, 217

Suporte básico de vida 175, 176, 177, 181

## T

Trabalho 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 10, 11, 13, 14, 16, 17, 19, 20, 22, 24, 25, 33, 35, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 51, 70, 71, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 83, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 96, 97, 100, 101, 103, 104, 105, 111, 113, 115, 118, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 149, 150, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 163, 165, 166, 167, 171, 172, 173, 182, 183, 184, 187, 188, 189, 190, 192, 194, 196, 197, 198, 199, 212, 213, 216, 217, 218, 219, 221, 222, 223

Trabalho pedagógico 192, 194, 196, 197, 198

## V

Vida escolar 182, 185, 187, 189

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-739-0



9 788572 477390